

DOSSIÊ - ENSAIOS IMAGÉTICOS

Entre vida e tempo, imagens e poemas

Alda Romaguera¹

Alik Wunder²

“Vida e Tempo em proliferação” foi um evento realizado em junho de 2012 no Centro Cultural Casarão do Barão em Campinas-SP, com a proposta de provocar pensamentos com/pelas imagens de mudanças climáticas. A partir de uma seleção de imagens da internet, que querem representar as condições ambientais na contemporaneidade, o grupo de pesquisa “MultiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações” produziu cartas para um jogo. Há que se jogar, lançar dados na aproximação da arte com a ciência... Há que se perguntar a alunos das séries finais do Ensino Fundamental que estudam em escolas públicas da região: que vida e tempo pulsam dessas imagens?



¹ Alda Romaguera é professora na FACP – Paulínia, e UNIVÁS – Pouso Alegre, MG; é pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO (FE – Unicamp) e do grupo de pesquisa “Multitão Prolifer-artes” (Lajbor – Unicamp), participa do projeto de pesquisa “In-ventos por entre áfricas, literaturas e imagens” e elabora oficinas no projeto “Kalli(fabulo)grafias: imagens e escritas a se desenhar”, que propõe um tipo de arte visual com/por fabulosas grafias que se desenham poemas.

² Alik Wunder é professora na PUC-Campinas e na Faculdade de Educação – Unicamp, é pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO (FE – Unicamp) e do grupo de pesquisa “Multitão Prolifer-artes” (Lajbor – Unicamp). Atualmente coordena o projeto de pesquisa “In-ventos por entre áfricas, literaturas e imagens” na FE – Unicamp.

³ Trata-se de um grupo de pessoas, sons, imagens, objetos, palavras e... que aposta nas possibilidades políticas de esvaziamento das significações já dadas, das fixações identitárias e das ideias de funcionamento geral de ciências, educações e comunicações. Propomo-nos a um experimentar (des)contínuo dessa maquinaria de expressão – por entre imagens, textos e sons –, tendo a arte e a filosofia como personagens intensos-intensivos que nos convidam a divagar, proliferar, suspender, subverter, buscando gerar fugas às estabilizações e fixações nos conhecimentos, culturas, valores e imagens científicos. Trans-formações que ressoam em possibilidades de expressão, sensação, entendimento, ensino-aprendizagem pelos mais diversos espaços-tempos do mundo.



Em conexão com essa questão, oferecemos na oficina “Entre vida e tempo, imagens e poemas” um banquete de poesias e de imagens do jogo, convidando as/os alunos/as a um movimento coletivo de leitura e criação poética. Na mesa, uma seleção de escritas que dizem do tempo e da vida: poemas de diversos autores e textos produzidos pelo Coletivo MultiTÃO³. O banquete, servido fartamente na grande mesa, era um convite a fazer proliferar a vida e o tempo por entre imagens e poemas.

As oficinas pretenderam promover encontros de criação com palavras e imagens e problematizar o uso de diferentes linguagens em conexão com diversas mídias e múltiplos recursos literários, em espaços educacionais. Em vez de delimitar um problema previamente, convidam para um banquete de palavras e imagens que aguçam os sentidos. Nesses encontros/oficinas, o acontecimento-debate se torna disparador de questões pertinentes, em que pesquisadores e professores e alunos/as pensam a respeito das possibilidades de multiplicar experiências de criação. A pesquisa cartográfica se faz parceira neste trabalho, pois nos dizeres de Barros e Kastrup (2009, p.52): “cartografar é acompanhar processos”. Essa metodologia abre possibilidades de trabalhar tanto com os grupos de discussão e de formação, quanto com docentes e demais pessoas que circulam pela escola, assim como em outros espaços educativos, constitutivos da presença da imagem em nossas culturas: museus, centros de memória, bibliotecas, parques e espaços da cidade.

³ Trata-se de um grupo de pessoas, sons, imagens, objetos, palavras e... que aposta nas possibilidades políticas de esvaziamento das significações já dadas, das fixações identitárias e das ideias de funcionamento geral de ciências, educações e comunicações. Propomo-nos a um experimentar (des)contínuo dessa maquinaria de expressão – por entre imagens, textos e sons –, tendo a arte e a filosofia como personagens intensos-intensivos que nos convidam a divagar, proliferar, suspender, subverter, buscando gerar fugas às estabilizações e fixações nos conhecimentos, culturas, valores e imagens científicos. Trans-formações que ressoam em possibilidades de expressão, sensação, entendimento, ensino-aprendizagem pelos mais diversos espaços-tempos do mundo.

Degustação no banquete de imagens e palavras

Pretendeu-se, nesse momento inicial, exercitar a fruição e a criação. Com isso em mente, foi montada uma mesa com diversos materiais: as cartas de baralho, instrumentos de percussão e poemas. Nessa ocasião os participantes puderam manuseá-los livremente selecionando aqueles que mais lhes interessava. Em seguida, fizemos uma leitura em voz alta dos poemas escolhidos.

Que seja o tempo
do verdadeiro
das coisas vindas do fundo
límpidas
sujas do cru
sem enfeites
disfarces
balangandãs
tempo
da linha reta
do meio do caminho
certo incerto
de ser

Teresa Vignoli

Sinto informar, mas o tempo se tornou nosso pior inimigo. Há uma antítese entre nosso súbito desejo de realizar determinadas ações e o que realmente a sociedade nos manda fazer. Ou melhor, nós é que mandamos (?): espalhamo-nos como palavras-imagens de ordem, nas mais diversificadas e conceituadas revistas, repletas de culpa e medo. Imagem do monumento efêmero, estabilidade deslizante. A imagem escorrega em possibilidades de criações de outras formas. É um registro de um instante inconstante... Fotografar nuvens... vãos e vens... Vida. Veloz e mutante. Nova. A cada dia. Mas o que é um dia? Explosão de possibilidades. Passeio sobre as coisas fixas e duradouras... Nada permanece. Deixo fluir.

Coletivo MultiTÃO

O recital de poemas teve como foco a experimentação pela poesia falada, *spoken word*. Esta é uma forma de arte literária ou uma *performance* artística em que as letras de músicas, os poemas ou as histórias são faladas ao invés de cantadas. No *spoken word* a ênfase recai na pessoa que fala e se encontra no limite entre gêneros artísticos. O que nos interessa é fazer notar possíveis encadeamentos e ressonâncias entre diferentes poemas, a partir dos quais se configuraria um coletivo escrevente.

Enquanto o recital se fazia entre vozes tímidas, entre pausas e silêncios, entre vozes que se deliciavam com o bailar das palavras, vozes balbuciantes e cadenciadas e vozes que tropejavam – composições entre as palavras e as imagens iam sendo criadas sobre a mesa, como um jogo em que as palavras lançavam outros tons às fotos e as fotos outras potências aos fragmentos de textos.

Criação de “escritas para caber em um cartão postal”



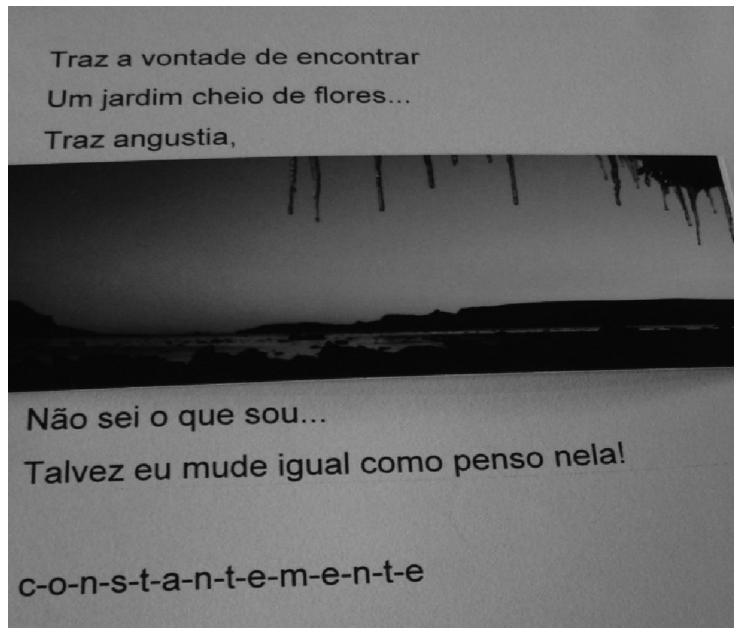
que criou outros encontros entre palavras.

A concepção das oficinas foi norteadada pelo uso da aleatoriedade, tanto por parte das pesquisadoras quanto dos participantes, privilegiando o gesto apropriativo, em que a “mixagem” envolve práticas as mais diversas: a colagem, a laceração (rasura), a compressão e a acumulação. Esse procedimento foi utilizado na montagem de imagens e textos para a composição dos postais, garantindo que o

Este segundo momento da oficina teve como desafio a criação poética realizada no limite do espaço de um cartão postal. Poucas palavras que potencializem a expressividade. Foram oferecidos aos participantes papéis em formato postal para a realização de um exercício de criação provocado pelas leituras anteriores. No decorrer da oficina lançamos outro desafio: um exercício de escrita coletiva, de dar continuidade a um fragmento alheio, num estilhamento da autoria e o esgarçamento da identidade, para que o postal não ficasse prisioneiro de um “quem” e de um “para que”. Nesta oficina, boa parte dos alunos optou pela mistura de imagens e poemas, selecionando cartas do jogo e provocando com elas o apagamento de trechos dos escritos, numa sobreposição

Venho de outros tempos
 tempos fáceis de frio e calor
 e primavera e outono,
 venho de outros ventos,
 de outras correntes,
 venho de galhos secos,
 vento no cabelo e sombra,
 de flores buquês e namorados,
 de tempos enevoados.
 Bons Tempos!
 Que ventos me trouxestes?

Coletivo MultiTÃO



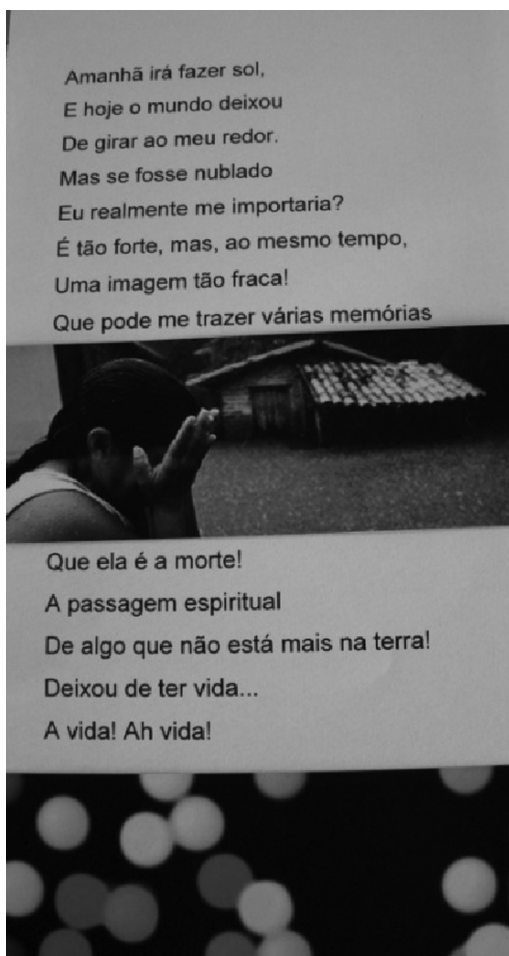
Dias, meses, séculos
e milênios
em repetições
não mais cíclicas e naturais.

O tempo não será meu inimigo, não
haverá uma confrontação contínua,
mas algo descontínuo irromperá.

resultado dessa produção não fosse previamente determinado.

Escrever para quê?

Para criar uma língua de/por/com imagens, que joga livremente com palavras desconectadas, como forma de fazer ver ou



áticas, fragmentar, criar imagens, sensações-ventos. Caberiam a vida e o tempo em um postal; escrever no verso do postal, (con)versando com suas imagens: versos a versar,

Escrever para quem?

Para um/a leitor/a desconhecido/a...

leitor qualquer

escrever para experimentar

transitar pelo infinito da vida possível

escrever encontros

ins-pirar

textos e postais e poetagens

(in)ventar

Banquetes de imagens e palavras

aguçando desejos de criar

em lugares muitos

de jeitos outros

entre-ver

vistar

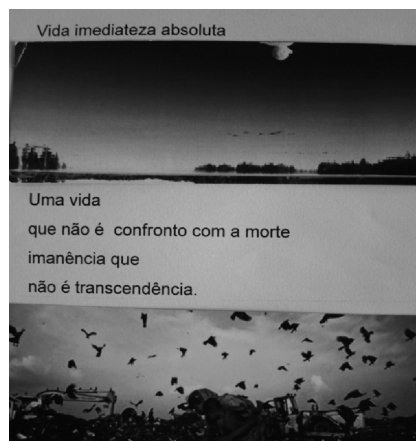
adivinhar

cadências

harmonias

tempos

sonoridades



fotografias e criações

ousar

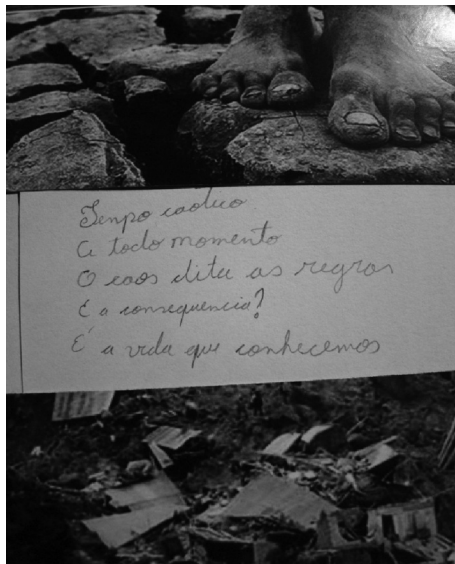
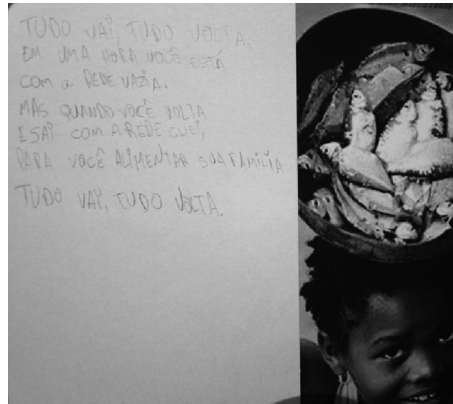
misturar no instante

imagens, cores e sons

a dançar

compor um desenho sonoro

soar diferentes matizes



Envolver-se pelos/nos

encantamentos da escrita

ler como quem escorre os olhos

e passeia por brancos espaços

onde o nanquim não pintou

tracejar pontos de fuga

escapar pelas frestas

das palavras prontas

apagando-as

deixar rastros mortos



prenhes de significação
com eles traçar veios/vias
rios e deixar escoar linhas outras

Este ensaio apresentou criações que se realizaram em uma das oficinas do projeto “In-ventos por entre áfricas, literaturas e imagens” realizado pelo grupo de estudos Humor Aquoso, ligado ao Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO (Faculdade de Educação, Unicamp) em parceria com o grupo de pesquisa “*MultiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações*” (Lbjor, Unicamp). Este projeto de pesquisa, que se faz como continuação do projeto de extensão comunitária, propõe experimentações de imagem, sons e palavras em torno das africanidades. Que áfricas ventam por você? Atravessado por essa questão, o projeto criou um espaço-tempo de criação de cartões-postais em oficinas que estimularam as expressões por imagens (fotografia, vídeo, designer gráfico). Seria possível capturar em imagem as vibrações, cores, timbres, forças, dores, misturas, ritmos, risos das áfricas múltiplas que perpassam gentes? No interior da impossibilidade de apreensão dessas forças, o projeto experimentou a potência da fotografia como criação e menos como documentação. Imersos nessa aposta, buscamos formas de as imagens potencializarem conversas entre identidades, diferenças, ficção e realidade.

Referências

BARROS, L.P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L.(orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.

Recebido em 22 de maio de 2012 e aceito em 27 de agosto de 2012.